

FOLLAS NOVAS

REVISTA DE ESTUDOS ROSALIANOS

PADRÓN 2019

PILAR GARCÍA NEGRO

**Falta um capítulo em
El Caballero de las botas azules.
Ricardo Carvalho Calero**

FUNDACIÓN ROSALÍA DE CASTRO

FOLLAS NOVAS

REVISTA DE ESTUDOS ROSALIANOS

Nº4 · 2020

Falta um capítulo em
El Caballero de las botas azules.

Ricardo Carvalho Calero

Pilar García Negro

Universidade da Coruña. Grupo de investigación ILLA

Reproducimos a seguir un artigo de Ricardo Carvalho Calero, dedicatario do próximo Día das Letras Galegas, que, con toda probabilidade, é o derradeiro (ou dos últimos) que escribeu. Foi entregue ao profesor Dr. Luís García Soto en Xaneiro de 1990, poucas semanas antes de falecer, por tanto. No día 7 dese mes e ano, o escritor recolleu o nomeamento de Fillo Predilecto concedido polo Concello de Ferrol; no 25 de Marzo falecía, en Santiago de Compostela. Para alén desta singularidade, o artigo chama a atención por corroborar, máis unha vez, a *obsesión* rosaliana do autor. Son centos e centos de páxinas as dedicadas -cunha paixón científica e un entusiasmo investigador (á mantenta usamos unidos substantivos e adxectivos) que non teñen parangón nos seus coetáneos- a Rosalía de Castro e á súa obra. Nesta enésima releitura da novela máis extensa e orixinal da nosa escritora, Carvalho advirte da carencia, segundo el, dun capítulo no corpo total da novela. Cabe aínda engadir máis unha hipótese suxerida do suposto ou real desaxuste indicado na composición xeral: deberíase á censura? Ou trátase, simplemente, dunha mostra máis da liberdade compositiva da autora, isto é, da ruptura propositada da lóxica narrativa tradicional?

O artigo foi publicado na revista *Nova Renascença*, no nº 72-73, de Inverno-Primavera de 1999 (ben que publicado en 2001), número dedicado monograficamente ás letras galegas (“Homenagem à Galiza”), organizado e coordinado polo profesor Luís García Soto, a quen agradecemos a confirmación dos datos apuntados *supra*. Encabeza o seu sumario este artigo que aquí recolleemos e integran o resto artigos de estudiosos-as galegos e portugueses, en número de trinta.

Falta um capítulo em *El caballero de las botas azules*.

Ricardo Carvalho Calero

O romance *El Caballero de las Botas Azules*, de Rosalia de Castro, é, entre os da autora, aquele que tem suscitado maior interesse por parte da crítica. Os restantes, por muito que provoquem a atenção dos especialistas, não podem ser considerados peças fundamentais, nem na bibliografia da autora nem na história da narrativa espanhola do seu tempo. *El Caballero* apresenta traços de engenho e originalidade que conferem a este “conto estranho” um posto singular dentro dessa narrativa e dentro da obra da nossa escritora em geral. Enquanto, a esses dois respeito, aqueles outros romances ou novelas podem ser estimados supérfluos, a verdade é que *El Caballero* não é um texto desnecessário ou intranscendente, pois -apesar das suas arbitrariedades ou desleixos, muitas vezes voluntários- não resulta inútil no elenco da produção rosaliana nem no censo da novelística peninsular^[1].

Em *El Caballero* desenha Rosalia uma grande riqueza de tipos femininos, pertencentes às classes sociais alta, baixa e média. A maior densidade achamo-la na classe alta. Não só porque a ela se adscreeve um maior número de personagens femininas, mas também porque -se exceptuamos o caso de Mariquita- estas damas que povoam os salons que visita o Cavaleiro são as que, em conjunto, merecem mais atenção a autora e estão em cena um tempo maior. É evidente que Rosalia se compraz em descrevê-las; e ainda que as foque numa perspectiva satírica, sublinhando a sua ociosidade e a sua frivolidade, retrata-as sempre como dotadas de um grande encanto feminino, de acentos muito distinguidos, de brilhante conversação e de esplêndida beleza. Assim são não já a marquesinha de Mara-Mari, a condessa Pampa, a crioula Marcelina, que interessam especialmente aos fins do presente artigo, mas também outras muitas que desempenham papéis importantes, como a sem par Casimira, a senhora de Vinca-Rua, ou são fugazmente evocadas, como a duquesa de Rio Ancho, a sem rival Inocencia. Há também velhas senhoras sem atractivo, como as ranças Cienfuentes. Mas o tipo de mulher de vinte, trinta ou quarenta anos, formosa, elegante e rica é o que caracteriza a corte de amor que nos grandes salons do Madrid anterior a Gloriosa bole arredor do misterioso Cavaleiro.

O capítulo XIV do nosso romance começa com as seguintes palavras:

«- Tres bellas hurís esperan a mi dueño, dijo Zuma al duque cuando le vió llegar.»^[2]

Estas *hurís* (*huríes* a partir da edição de 1911) são a loira crioula Marcelina, poetisa cubana, mas descendente de Moctezuma; a marquesinha de Mara-Mari; e a condessa Pampa. No baile celebrado em casa desta última, e que se descreve nos capítulos V e VI, as três virom por primeira vez o Duque de la Gloria -ou seja o Cavaleiro das Botas Azuis. Desejando desvelar o mistério da personalidade deste raro ser, as três escrevem ao Duque citando-o para os respectivos palcos do Teatro Real. Eis os bilhetes que Rosalia nos dá

a conhecer sob os rótulos de Epístola I, II e III, e que o Cavaleiro tem abertos perante si enquanto o penteia o seu ajuda de câmara. Hai umha IV epístola que nom afecta ao nosso assunto.

«Epístola I

Ojos negros, cabellos negros y rizados, color pálido, alta, delgada, vestido blanco y una flor azul en el pecho. Esta noche en el teatro Real, palco principal de la izquierda. - Se espera al señor duque para hacerle una advertencia particular que le interesa.

Epístola II

En vano he esperado la otra noche que el señor duque se detuviese a mi lado algunos momentos mas que los que ha tardado en saludarme de aquella manera que me dejó tan confusa... y como tengo grande interés en saber como las mugeres de la aristocracia rusa visten de mañana, espero de la amabilidad del señor duque, que para enterarme de ello, se digne esta noche pasar a mi palco en el teatro Real, á cuyo favor le quedará eternamente agradecida su admiradora

La Condesa Pampa.

Epístola III

Una hija de la virgen América y ausente de su patria adorada, suplica al duque de la Gloria venga a decirle con sus propios labios, cuanto son hermosos los bosques que la vieron nacer, cuanto es admirable entre todas su tierra natal. La recompensa de tal favor será un afecto entrañable y puro, un agradecimiento eterno, tal como puede sentirlo una descendiente del desgraciado e inmortal Motezuma. Teatro Real, palco segundo de la derecha». ^[3]

A única epístola assinada é a da Condessa Pampa, quem é, por sua vez, a única das tres damas que tinha cruzado algumas palavras com o Cavaleiro. A primeira epístola é da *marquesita* ou *marquesa* ^[4] de MaraMari. A terceira, de Marcelina a crioula.

O Cavaleiro das Botas Azuis só responde por escrito a Condessa. À Marquesa envia-lhe umha resposta oral através do criado árabe Zuma. Rosalia esquece dizer-nos como responde à loira Marcelina, mas é indubitável que a cita, como as outras duas, para o próprio palácio do Duque, porque no capítulo XIV as três concorrem a esse lugar, onde Zuma as fai esperar «cada una en su aposento» ^[5] pola chegada do Duque.

Este dixerá a Zuma depois de ler as epístolas:

«Vé esta tarde al palco de la Marquesita de Mara-Mari, y dile, con reserva, que no voy al teatro, pero que mi palacio, es una especie de sagrado recinto en donde la recibiré con la respetuosa deferencia que se merece». ^[6]

À Condessa Pampa envia-lhe, polo mesmo Zuma, a seguinte carta: «Amable condesa, ni me es posible asistir esta noche al teatro, aunque lo siento, ni menos decir como visten de mañana las mugeres de la aristocracia rusa, porque siempre las he visto por la tarde. Tengo en cambio la fortuna de poseer una magnífica colección de flores tropicales, cuya maravillosa virtud consiste en tornar azules las pupilas negras y las negras, azules. La mayor parte de estas flores son venenosas, raras y hermosísimas, pero como perderian su belleza y su talisman al salir de mi invernadero, advierto a V., señora, que este estará siempre abierto para una dama de tran extraños y delicados gustos como mi admiradora la condesa Pampa.

El Duque de la Gloria»^[7]

O Cavaleiro envia ainda por Zuma outro bilhete a outra mulher, a bela Casimira^[8]. Mas este é outro assunto. No entanto, talvez a descuidada Rosalia, com a impressom de que o Duque respondera a tres mulheres, comportou-se narrativamente como se aquele tivesse respondido as tres citas para o Teatro Real. Confusom em verdade estranha, mas o certo é que Marcelina foi citada no palácio, como a Condessa e a Marquesa, pois oportunamente se apresenta ali, como as outras duas. Porém, no texto que possuimos nom hai rasto da sua convocatória.

Como fica dito, no capítulo XIV, a Condessa Pampa, a Marquesita de Mara-Mari e a poetisa crioula esperam no palácio do Duque ser recebidas por este, incomunicadas entre si e sem notícia cada umha da presença das outras duas.

O Duque recebe a condessa Pampa, e dialogam demoradamente, com o que concluí o mencionado capítulo, e o XV contém o relato da conversa que a continuação sustém aquele senhor com a Marquesita de Mara-Mari.

Seguindo esta linha, o capítulo XVI deveria contar-nos a entrevista com Marcelina, ou -no seu caso- fazer-nos saber que a descendente de Moctezuma, furiosa por tanto esperar, abandonara a residencia do Duque. Mas aos demorados relatos das entrevistas com as outras duas damas nom segue, como a estrutura do argumento pede, o relato da terceira entrevista, nem explicação alguma da sua falta. Sem embargo, Marcelina aparece com a Condessa Pampa (e Casimira, mas nom a Marquesita) assistindo a ceia no palácio do senhor da Albuérniga que constitui a apoteose final, e beijando as botas azuis do Duque, como as suas companheiras, quando este lhes exige essa homenagem^[9]. Ora, tal penitência nom significa outra cousa que o castigo da frivolidade, do egoísmo e da soberba da cubana. E essa penitência, como no caso da Condessa Pampa, tem que ir precedida de umha confissão, ou um juízo. Nom hai razão alguma para omitir essa cena, quando se nos dam as homólogas relativas às outras duas visitantes do Duque. Talvez nom figura entre as humilhadas ou penitentes da ceia no palácio da Albuérniga a Marquesinha, porque as recriminações do Duque, que causam o desvanecimento da dama, som tam fortes que constituem suficiente castigo. O próprio Duque estima-o mui cruel^[10]. De resto, o feito de que se mencione entre as «escravas» da ceia a Casimira, a Condessa e a Crioula, nom significa necessariamente que nom houvesse outras, entre as

que podia figurar a Marquesinha. A impressom do leitor é mais bem que as escravas som em número superior as três que se nomeiam. Numha romancista tam livre de prejuízos de verosimilhança e tam dada a licenças humorísticas e fantasias assistemáticas como a Rosalia de *El Caballero*, podemos admitir, em parte por despreocupaçom e em parte por propósito de desconcertar o leitor, muitos esquecimentos e mesmo contradichons de detalhe. Som próprios do género de literatura, de tipo em parte romântica e germânica, com constantes saídas de plano dos sucessos que constituem a trama, e por outra parte com precedentes cervantinos bem acusados. Mas ainda assumindo estes jogos da narradora e a sua decidida intençom de misturar estilos e categorias, a falta de umhas páginas em que se consigne a entrevista de Marcelina com o Duque nom está justificada dentro do organismo romancístico tal como se desenvolve no nosso caso. Falta realmente um capítulo em *El Caballero de las Botas Azules*.

Escreveu-no Rosalia e por algum azar nom chegou até nós? Deixou de escrevê-lo por inadvertência? No primeiro suposto, como nom hai rastos de que a autora, ou o mesmo Murguia, tenham apresentado nalgum momento umha desculpa ou explicaçom sobre tal anormalidade? No suposto segundo, que estranha história é a do manuscrito, que em nengumha fase da sua redaçom nem a sua impressom admite emenda de umha carencia tam ostensível? Vemos que os dous casos se reduzem a um só. Nom se explica a anomalia.

Assi que, tenha-o escrito ou nom Rosalia, falta um capítulo em *El Caballero de las Botas Azules*.

O Duque de la Gloria pertence a um mundo que nom se articula mentalmente segundo um código estável. O resto das personagens comportam-se de acordo com as convençons do método da narrativa realista vigente na obra de Fernán Caballero, afora a Musa, que pertence ao mundo da fantasia. Mas o Duque sujeita-se arbitrariamente quer a um código quer a outro. Nom é umha figura inteiramente fantástica, como a Musa. No entanto, a esvaída imagem da sua personalidade no espaço realista apresenta incoerencias e contradichons impossíveis de reduzir a sistema. É claro que esta falta de coesom interna no carácter do Duque forma parte da estrutura da obra, que neste aspecto é umha estrutura irregular, indefinida ou inconcreta. Mas a entrevista com Marcelina nom pertence a esse plano, senom a aquele em que se desenvolvem as sustidas com a Condessa e a Marquesa. Nom hai, pois, justificaçom orgânica algumha para essa lacuna.

Como é indubitável que *El Caballero de las Botas Azules* é fundamentalmente um texto satírico e didáctico de crítica social, indissimuladamente irónico, abundam no romance os elementos metanarrativos, e a figura do Duque de la Gloria está traçada com um desenfado instrumental que o articula e nom o articula assemade no mundo real em que actua, como se a autora quigesse desconcertar o leitor, do jeito que o Cavaleiro desconcerta as personagens do romance, ou exercitar o humor de propor enigmas que nom podem solucionar-se satisfatoriamente porque se trata de esquemas abstractos com umha fictícia humanizaçom em que nom é necessária a congruência, e a autora, jogando maliciosamente com os leitores ou procurando a cumplicidade dos mesmos perante as

personagens da fábula, deixa sem resolver o que nunca foi um verdadeiro problema, senom um andaime maquinal que se retira umha vez usado.

Mas concluir de aquí que Rosalía omitiu o capítulo de referéncia em uso da sua libérrima vontade de nom submeter-se a nengumha regra na caracterizaçom do Cavaleiro, nom seria umha conclusom correcta, pois o capítulo em questom nom estava chamado a acrescentar ou completar a etopeia do Duque, mas, de acordo com os dous que o precedem, a funcionar, em contacto com eles, como parte do progresso da açom e preparaçom do epílogo. A caréncia que assinalamos nom pode, pois, responder a vontade de Rosalía, porque dana o organismo da obra, e nom cumpre finalidade estilística de nengumha classe. Assi que se Rosalía nom o escreveu, por inadverténcia ou por negligéncia quase inconcebível, isso seria um grave defeito técnico. Perdido ou nunca escrito, falta um capítulo em *El Caballero de las Botas Azules*^[1].

NOTAS

- [1] A superioridade de *El Caballero* sobre o resto da narrativa de Rosalía, superioridade geralmente admitida desde Murguía mesmo, nom parece inteiramente isenta de contradicçom, segundo se depende das palabras que transcrevo a seguir:

«En 1867 publica Rosalía su novela más larga y más ambiciosa, *El Caballero de las Botas Azules*, la mejor para algunos críticos. Carballo Calero no le regatea alabanzas, comparando a la autora con Hoffmann y von Chamiso: «É un libro extraordinariamente intelixente, cheo de esprito e de enxeño. Pertence de cheo á literatura humorística, i é, ao mesmo tempo, romántico e antirromántico. O seu romantismo é xermánico (...) Realismo e idealismo mestúranse neste libro, obra de unha intelixencia mui madura e testemuño de un esprito mui orixinal» (R. Carballo Calero, «Arredor de Rosalía», en *Siete ensayos sobre Rosalía*, Vigo, ed. Galaxia, 1952).

«A mí, *El Caballero de las Botas Azules* me parece la obra más pesada y aburrida de cuantas salieron de manos de la autora. La novela va precedida de un prólogo titulado «Un hombre y una musa», con un subtítulo igual al de la novela, «cuento extraño», que reproduce un diálogo entre un escritor y su musa. Prólogo y novela adolecen del mismo defecto: larguísimos diálogos en los que el pensamiento de la autora va y viene, divaga, se pierde en digresiones interminables para concluir en lugares comunes, en afirmaciones generales sobre la vanidad del escritor, la estupidez del público, la hipocresía de las relaciones humanas, la brutalidad de la masa, etc. La vaguedad comienza y culmina en la propia figura del protagonista, el caballero de las botas azules, que no se sabe si es duende, ángel, demonio o ser mortal. Este personaje es el hilo que une diferentes cuadros satíricos de la sociedad de la época. Rosalía da rienda suelta en esta obra a un espíritu satírico y moralizante que asoma también en sus poesías, pero la mezcla del elemento onírico, irreal, con la sátira social no resulta muy afortunada. Además, lo que en sus poemas está concentrado y reducido por la medida del verso, se diluye y extiende en la novela a través de diálogos que resultan, para el lector medio actual, pesados y aburridos. Aparte de esto, la novela resulta muy interesante para conocer la personalidad y la postura de Rosalía ante muchas realidades de su época» (Marina Mayoral, «Introducción» en *Rosalía de Castro. En las orillas del Sar*, clásicos Castalia, Madrid, 1978; págs. 24-25).

- [2] Cito pola primeira edición, *El Caballero/ de las Botas Azules./ Cuento extraño/ por Rosalía Castro de Murguía/ Lugo./ Imprenta de Soto Freire, editor./ Calle de San Pedro, núm. 31/ 1867*; reproducida en «edición facsimilar» polo «Patronato Rosalía de Castro» en 1989, Vigo, Artes Gráficas Galicia, juntamente con *La hija del mar*; pág. 189. Esta edición facsimilar, ademais da portada da príncipe que acabo de copiar, insere outra portada que, tal como aparece, só se diferencia da dita príncipe, no que se refere ao texto, em que consta de umha linha mais, que precede a Lugo, e que reza Segunda edición. Consoante isto, o romance teria sido reeditado no mesmo ano da sua primeira saída, o que nom é crível. Será talvez umha portada adventícia anteposta a determinada altura a alguns exemplares da primeira tiragem para dar a impressom propagandística de que aquela tivera um grande exito de venda?. Só sabemos de umha segunda edición de um livro de Rosalia em vida da autora: *Cantares Gallegos*, editado em 1863, saiu de novo a lume em 1872. Nove anos depois, portanto. Parece extravagante assumir que *El Caballero de las Botas Azules* superasse em popularidade os Cantares Gallegos até ao extremo de atingir umha segunda edición no mesmo ano da sua primeira saída. Continuamos a crer, pois, que *El Caballero* nom foi reeditado até 1911, *Obras completas/ de / Rosalía de Castro/ IV/ El Caballero/ de / las Botas Azules/ (Cuento extraño)/ Madrid/ Librería de los Sucesores de Remando/ Calle del Arenal, 11/ 1911*. Na página (2) desta edición, autorizada por Murguía, le-se: «La primera y, hasta el presente, única edición de esta novela, data del año 1867». Mas convém anotar que Francisco Rodríguez, *Análise sociolóxica da obra de Rosalia de Castro*, Vigo, 1988, pág. 241, fala de «umha segunda edición de *El Caballero de las Botas Azules* que se anuncia en 1867 e non ve a luz». Nom fai referencia à sua fonte, nem ao feito de que 1867 é o ano da edición príncipe, o que mereceria algum comentário. A portada da «segunda edición» que inclui a facsímile, seria um anúncio? De todos os jeitos, nom é crível que essa segunda edición fosse umha realidade, se efectivamente se anunciou.
- [3] Ed. cit., pág. 107.
- [4] *A marquesita* de Mara-Mari é chamada outras vezes *marquesa*. Se o diminutivo nos induziria a crê-la filha ou herdeira de um marques, a segunda designaçom nola apresenta como possuidora do título. O Duque chama-a umha vez *señorita*. Evidentemente, é umha rapaza solteira.
- [5] Ed. cit., pág. 189.
- [6] Id., pág. 119.
- [7] Id., pág. 117.
- [8] Id., pág. 119.
- [9] Id., pág. 299.
- [10] Id., pág. 209.
- [11] O autor deste artigo, em 1985 já se referiu a este problema. Veja-se *Estudos e ensaios sobre literatura galega*, Ediciós do Castro, Sada, 1989; págs. 140 e 142.

Publicamos este cuarto número da revista *Follas Novas*
grazas ao patrocinio do Concello de Dodro



CONCELLO DE
DODRO



CASA DE ROSALÍA

A Matanza
15917 Padrón
981 811 204

www.rosalia.gal

**FUNDACIÓN
ROSALÍA DE CASTRO**